

“He preciso ceder a nosso destino”: amores impossíveis em quatro obras de autoria feminina do século XIX

Elen Biguelini
Universidade de Coimbra

Resumo

O amor foi uma temática frequente em textos de autoria feminina durante o século XIX. Nos romances *Lord Clifton, ou a Providência*, de C. E. da C. G.; *História georgiana, ou A constância*, de huma sua nacional; *Lindoro e Palmira, ou Os amantes perseguidos*, de Maria Clara Junior; e o folhetim *Zulima, ou a cruz d'oiro*, de Maria Peregrina de Sousa, o amor aparece como algo impossível. Nestes quatro textos, suas autoras descrevem diferentes impossibilidades ao sentimento amoroso. Maria Peregrina de Sousa, em seu folhetim que exalta a glória católica, os heróis e heroínas são separados devido a sua religião. Já em *Lindoro e Palmira* é a família, nomeadamente o pai, que não permite o casamento dos dois amantes. A questão da escolha do parceiro tornava-se mais frequente em meio às casas portuguesas da primeira metade do século XIX, sendo que o casamento por amor começava a ser a norma não apenas nos romances; assim, o pequeno romance de Maria Clara Junior apresenta a escolha dos amantes como a mais correta união. *Lord Clifton* e a *História georgiana*, por sua vez, demonstram a impossibilidade do amor pela distância, além da escolha paterna. *Lord Clifton*, no entanto, apresenta a história de um homem que embora tenha casado com a mulher que amava, foi separado desta, que faleceu. Ele descobre um novo amor na jovem Sara, que desconhece ser sua filha.

Palavras-chave: história das mulheres; mulheres que escrevem; século XIX; Portugal; Maria Peregrina de Sousa.

Abstract

Love was common theme in texts written by women during the XIX century. In C. E. da C. G.'s *Lord Clifton, ou a Providência*; huma sua nacional's *História georgiana, ou A constância*; Maria Clara Junior's *Lindoro e Palmira, ou Os amantes perseguidos*; and Maria Peregrina de Sousa's feuilleton *Zulima. ou a cruz d'oiro*, love seems something impossible. Their authoresses describe in these texts the different impossibilities of romantic love. In Maria Peregrina de Sousa's catholic glorifying feuilleton, hero and heroine are separated by religion. In *Lindoro e Palmira* it is the family, especially the father, that doesn't allow the tow lovers' marriage. The matter of partner choice was starting to become more common for the Portuguese during the first half of the XIX century, and marriages for love had started to become the norm in literature. Therefore, Maria Clara Junior's small novel represents the lover's choice as the correct one. *Lord Clifton* and the *História georgiana* demonstrate the impossibilities of love while separated by distance, while also demonstrating that of the family choice. *Lord Clifton*, however, presents the story of a man that although married to the woman he loved, was separated from her. He finds new love in young Sara, who he does not know is his daughter with his now dead lost wife.

Keywords: women history; women writers; 19th century; Portugal; Maria Peregrina de Sousa.

O século XIX é, segundo a historiografia, o momento em que o casamento por amor passou a ser a norma. Até esta data, a maioria dos casamentos ocorria seguindo as vontades paternas e seguindo as necessidades da família ou da casa. Durante o século XVIII iniciou-se um momento de transição entre o que historiadores definem como família-tronco, ou o modelo tradicional familiar, segundo o qual o grupo era superior ao indivíduo, e a família nuclear, que valoriza a individualidade e se limita ao casal e seus filhos (CASEY, 1992; SHORTER, 2008, SENNET, 1988). Assim, nesse período foi modificada a razão da união matrimonial. Se antes se referia a uma junção entre duas famílias, torna-se a união entre dois indivíduos. O bem familiar não era mais o motivo do matrimônio. O amor se torna, então, um fator importante na escolha dos companheiros (BOLOGNE, 2000).

O sentimento amoroso era uma temática frequente na literatura deste período. Os romances não eram recomendados às mulheres, justamente por terem este como seu tema. Eram vistos como corruptores e influenciadores de jovens senhoras que deviam ouvir a escolha paterna em vez do próprio coração. Para além disto, eram vistos como leituras superficiais que levariam as jovens a excessos sentimentais e à perda da castidade – o bem maior feminino para o século XIX.

Como o romance era, então, corruptor das mentes femininas, as mulheres que escreveram romances precisavam justificar sua escolha em criar/traduzir textos desta natureza. Mais além, escolhiam o amor como tema e o romance como meio para sua obra (BIGUELINI, 2017a). C. E. da C. G., *Huma sua nacional*, Maria Clara Junior e Maria Peregrina de Sousa escolheram esta temática para suas obras. *Huma sua nacional* justifica a escolha, afirmando que “[e]sta Obra [...] teve o unico destino de entreter por algumas horas a minha familia com a sua lição” (UMA SUA NACIONAL, 1824, iii), ou seja, o texto (e sua criação) não interferiram nas suas atividades como mãe e vieram a instruir seus filhos. No século XIX a função materna era a mais relevante para a vida feminina, assim, a escrita (e leitura) de romances não poderia interferir com o tratar dos filhos. C. E. da C. G., por sua vez, justifica a escolha do romance pois “[u]m Romance não é um livro tão futil como superficialmente se pensa, pois que se algumas vezes meditarmos no que temos passado em toda a série da nossa vida, acharemos que toda ella tem sido um verdadeiro Romance” (STAINVILLE, 1853, 5).

As quatro autoras mencionadas, além de terem escrito um texto no qual o sentimento amoroso e a escolha do casal figuram de forma central, retratam também um modelo de amor superior e constante, mas que é impossível devido à religião, ao desejo paterno ou à distância.

A cruz de ouro: o amor separado pela religião

Uma das autoras que apresentou a temática amorosa em seus romances e folhetins foi Maria Peregrina de Sousa. A folhetinista nasceu em Moreira da Maia, região do Porto, em 13 de fevereiro de 1809. Viveu neste local com seu pai, um irmão e sua irmã mais nova, Maria do Patrocínio de Sousa, após a perda precoce de sua mãe. Tendo aprendido sem professores o francês e o inglês, quando jovem iniciou a escrever pequenos textos em francês que lia para a família. A partir de 1842 suas pequenas criações surgiram em forma de folhetim em periódicos do Porto e, posteriormente, Lisboa.¹

O folhetim *Zulima e a cruz de ouro* apareceu em três edições do *Arquivo Popular*, em 1843 (CRUZ, 1843a). O pequeno texto retrata a vida de Zulima, escrava da rainha do Marrocos. A jovem era apaixonada por Abohamo, também escravo, mas Fatima (a rainha) deseja que ela se case com o seu filho. O texto se passa em uma Espanha invadida por estes marroquinos e retrata a subsequente chegada dos católicos, que retomam a região, causando a morte de Fatima e seu filho. Zulima vê um cristão machucado e o leva a uma velha chamada Brites, para que o cure. Descobre, então, por meio de uma cruz de ouro que carregava consigo que era, na verdade, filha de Brites e daquele cavaleiro cristão que salvara; e seu verdadeiro nome seria Helena. Enquanto escrava muçulmana, o amor de Zulima era proibido, pois ela devia seguir o desejo de sua rainha/senhora; mas ao descobrir sua verdadeira origem e sua cristandade, o amor entre os dois jovens escravos torna-se ainda mais impossível. A separação que anteriormente era devido a sua posição subalterna, torna-se com a nova descoberta algo superior, algo metafísico e transcendente.

Assim, uma impossibilidade que havia sido retirada com a morte do filho de Fatima se torna completamente inabalável. A diferença religiosa, e a separação cultural

¹ Sobre Maria Peregrina de Sousa, *vide* BIGUELINI, 2017a e 2017b; CUNHA, 2014; e GUIMARÃES, 1959.

que esta demanda em um momento de guerra coloca Abohamo e Zulima em uma distância intransponível. A cruz de ouro, que era símbolo do reencontro com seus pais, é também o que impede sua união com seu amado.

Em conversa com sua mãe, Zulima lembra o amor de Pedro e Inês, que se uniram em matrimônio apenas após a morte. Zulima afirma: “Ah! minha boa mãe! a bôca promette as vezes o que o coração não póde cumprir! Pedro havia promettido amor a Constança, e dizem porém que elle ama Ignez (CRUZ, p. 271, 1843b.) Para a mãe da jovem, Pedro era culpado. Zulima, então, prometida ao filho de Fatima, questiona se seria livre para amar Abohamo:

– Não o nomeies, minha mãe, o seu nome me he tão caro... só o seu nome, minha mãe, só o seu nome faz vibrar todas as fibras do meu corpo... Mas não te amofines, eu forcejarei por me deslembrar delle; delle, e dos tempos que mais não voltaráõ! (CRUZ, p. 271, 1843c).

Zulima adoece (possivelmente de amor), mas não deseja ver o ente amado. Ainda assim, este a visita. Ela mostra-lhe, então, a cruz que simboliza a sua separação. Não podem se amar, não podem casar. Vendo-o, ela lhe dá em presente aquela cruz que tantas mudanças trouxe em sua vida:

– Huma cruz nos havia separado... em teu alvendrio está que não outra vida ella nos reuna. Se esta porém te não vier servir de simbolo de fé, servir-te-há ao menos como recordação do muito que te amei, mas que não podia pertencer-te ainda que vivesse. Eu sou christãa! (CRUZ, p. 272, 1843c).

Com estas palavras, a heroína de Maria Peregrina de Sousa vem a falecer. Zulima dá a seu amado a cruz como tentativa de convertê-lo, para que possam se unir no céu. Assim como Pedro e Inês, Abelardo e Heloísa ou Romeu e Julieta; o amor impossível entre os dois só poderia ser concretizado após a morte; e unicamente se Abohamo se tornasse cristão, como sua amada.

A menção a Pedro e Inês é muito significativa. A história dos dois amantes é concretizada apenas na morte. Assim o fez Zulima, que escolheu a morte ao amor por um homem que não seguia a mesma religião que ela (ainda que ela nunca tenha seguido ritos cristãos e tenha, verdadeiramente, sido muçulmana por toda a vida). Em um contexto português do século XIX, a religião cristã era vista como superior, e na obra de Maria Peregrina de Sousa, que frequentemente traz situações entre mouros e cristãos, o

catolicismo é salvador e reflete uma temática frequente na obra da autora: o heroísmo português (BIGUELINI, 2017a, p. 225).

“Sujeita a hum pai”: o amor separado pela escolha paterna

Enquanto o texto anterior fora escrito em forma de folhetim, *Lindoro e Palmira ou os Amantes perseguidos, novella portugueza*, de Maria Clara Junior, segue o modelo mais tradicional da autoria feminina do século XIX: o romance. Neste pequeno texto de 80 páginas, publicado em 1817 com segunda edição de 1833, a autora (sobre a qual não foram encontradas referências biográficas), relata a história de dois primos.

O pai de Lindoro havia o deixado com a família em Portugal e ido ao Brasil à procura de fortuna, mas não retornara. Assim, foi criado junto a sua prima Palmira. Henrique, o pai de Palmira quando estes ainda eram infantes, observava a possibilidade de um casamento entre os dois, mas quando a casa passou a ser visitada pelo filho de um rico lisboeta, Augusto, deu a mão da menina em noivado ao rico herdeiro. Ela afirma, então: “He preciso ceder a nosso destino; eu sou sujeita a hum Pai, e a elle toca dispôr de mim” (JUNIOR, 1833, p. 14). Quando Palmira relata ao primo o noivado, ele confessa que “eu vos tenho sempre amado, bella Palmira” (JUNIOR, 1833, p. 15), enquanto ela responde que “a confissão que me acabais de fazer, me suscita reflexões, que me fazem tremer” (JUNIOR, 1833, p. 16). Amam-se.

Para que o casamento não ocorra, tanto Palmira (por meio de um amigo chamado Anselmo), quanto um terceiro pretendente da jovem, Fernando, organizam o “roubo” da menina, que leva a uma perseguição, ao falecimento de Fernando, à prisão de Lindoro e, posteriormente, à prisão de Anselmo, que tomou o lugar de seu amigo. Palmira seria obrigada a casar com Augusto, mas ela lhe pede que não haja casamento, pois “o Ceo não approva”, o que faria com que “minhas desgraças se espalhariam sobre vós” (JUNIOR, 1833, p. 74).

Observando que a noiva não pretende aquela união, Augusto afirma que também já não deseja o casamento. Mas Henrique, o pai da jovem, interrompe o casal com sua espada a punhos. É impedido de assassinar a filha pelo irmão Carlos, pai de Lindoro, que retornara. Ele oferece a Augusto a mão de sua filha e o casamento de Lindoro e Palmira pode, então, realizar-se.

Este pequeno romance tem um final feliz, o sentimento amoroso é o vencedor e o casal de primos pode unir-se em matrimônio, como era o seu desejo. A vontade paterna é seguida, mas a de outro pai. Henrique aparece ao final da obra como um tirano, não apenas porque obrigara a filha a se casar, mas também porque havia usado de artimanhas para a deixar longe do amado. Mas tentar matar a própria filha era a maior ofensa. Quando tira a espada contra a filha, seu irmão Carlos retira dele a responsabilidade de cuidar da sobrinha. O amor era impossível até então, mas se torna superior ao final da obra.

“Se a Providencia não determinasse d’outra sorte”: o amor separado pela distância

O desejo paterno também aparece em *Lord Clifton ou a Providência*, de C. E. da C. G e *Historia georgiana, ou a constancia*, de huma sua nacional. Ambas as autoras usaram do anonimato. Assim, continuam desconhecidas na contemporaneidade. C. E. da C. G, no entanto, publicou três diferentes romances e uma tradução. Assinava como “a authora de Christine de Stainville”; sua primeira obra; mas mencionou em suas introduções a expressão “uma nacional”; que levanta a possibilidade de ser também ela a autora de *Historia georgiana* (BIGUELINI, 2017a).

Lord Clifton é a história de um lorde inglês filho de um amigo do rei, que tem o casamento previsto com a prima Sophia Dodley. Mas o jovem que saiu da Inglaterra a negócios conheceu a filha do governador do Cabo da Boa Esperança. Ele e Mathilde Eudracht se apaixonaram à primeira dança:

Seus braços entrelaçavam-se, suas mãos apertavam-se, e as respirações communicavam. Mathilde entusiasmada pela dança, e já muito animada pelo amor, que gradualmente hia tomando imperio no seu innocente coração esquecia agora todas as considerações, e abandonava-se com franqueza nos braços do seu amante, encarando-o já com tanto amor, e confiança, como se há muito estivesse certa dos seus sentimentos, em quanto elle arrebatado em um d’estes extasis, que só os amantes podem perceber, se julgava no cumulo da maior ventura (STAINVILLE, 1853, tomo I, p. 35).

A paixão arrebatadora os consumiu. Mas o jovem era noivo, e ela havia sido prometida para outro. Como o pai de Mathilde desejava que a união entre ela e Andre, seu pretendente, fosse próxima, a criada da jovem recomendou uma união clandestina

entre os amantes. Neste momento, a narração indica que a clandestinidade deste casamento faz dele não ilegítimo, mas imprudente: “[o] mais temeroso dia se seguiu a esta noite em que o jovem Clifton tinha promettido com tanta imprudência dar um passo, que deveria ser tão meditado” (STAINVILLE, 1853, tomo I, p. 61).

Alguns dias após a malfadada união (que ainda permanecia escondida de todos), o pai de Mathilde faleceu. E como seu tio era o maior defensor da união com Andre, ele decidiu retirar a jovem do Cabo da Boa Esperança e levá-la para longe, após matar a criada que organizara o casamento. Assim Mathilde e Clifton se separam.

Apesar de terem se casado, a distância impossibilita o seu amor. Mathilde acompanhou o tio em um navio, que naufragou; enquanto Clifton, ao retornar ao Cabo da Boa Esperança após uma viagem, não encontra mais a casa de sua amada. Ele foi a sua procura em diversos locais, mas a situação política em Inglaterra fez dele um expatriado, que teve que se refugiar em Portugal, depois Espanha, França, Alemanha e Itália.

Após muitos anos, Clifton se encontrava na Itália quando conheceu uma jovem, que muito lembrava sua amada Mathilde, e por quem se apaixonou perdidamente:

Clifton tão embriagado pelos espíritos como pelo amor, tendo já feito juramento de amar em quanto existisse aquela que no delírio de seus transportes apertava em seus braços, julgava-se agora o mais ditoso dos homens. E a jovem senhora, a quem infelizmente o cópo de ponche tinha offuscado a razão, excitada pelo amor, e seduzida pelos seus próprios sentimentos, sentia em sua alma uma destas emoções que, apesar de sua doçura, produzem muitas vezes a desgraça (STAINVILLE, 1853, tomo I, p. 205).

A narração indica que este momento poderia “talvez perpetuar a sua desgraça”, mas que a “providência” salvou-os. A jovem Sara vivia com uma senhora, madame Campesana. No segundo volume do romance o leitor fica a saber a vida desta senhora que fora, na verdade uma amiga de Mathilde. Madame Capensana e Mathilde haviam naufragado juntas em um local africano não designado. Viveram em meio aos locais, “selvagens” segundo a descrição, e lá Mathilde deu à luz uma filha: “em bem poucas horas darei ao mundo o fruto d’um clandestino hymeneo!” (STAINVILLE, 1853, tomo II, p. 175).

Clifton não reconhecera a filha, de cuja existência não tinha sabida. Apaixonou-se ao ver nela a imagem da mãe. O momento em que se conheceram e no qual, perdidos pela bebida e pelos sentimentos quase os levou a um beijo, havia sido impedido pela Providência, pois as leis católicas não o permitiam, visto ser uma relação incestuosa.

Ao conhecer este relato, Clifton então afirma que o sentimento que o preencheria era amor, mas amor paterno que ele não soubera reconhecer. O herói “acabava abençoando a *Providencia* pelo haver livrado do mais horroroso crime, pois que sem o auxilio d’ella teria sido exposo de sua filha” (STAINVILLE, 1853, tomo III, p. 24); enquanto sua filha admite que “o amor que me inspiráveis era mais solene que o de Perkins, sim, a minha alma achava um prazer diferente e vos adorar” (STAINVILLE, 1853, tomo III, p. 25).

O casamento clandestino fora a destruição de Clifton: ele se separou de sua amada e quase cometeu o pecado mortal do incesto. Assim, o romance finaliza com a união escolhida pelo pai de Clifton quando, ao retornar a Inglaterra, o herói descobre sua antiga noiva ainda solteira. Nesta obra, a autora parece defender o desejo paterno, visto que a escolha individual levou ao desastre, enquanto a promessa de se casar com Sofia se tornou o seu final feliz. No entanto, o erro não estava em amar; mas sim em um *himeneu clandestino*.

O quarto romance em que se encontra a presença do amor impossível é *Historia georgiana*, no qual o leitor acompanha três diferentes casais, sendo Torun-Chá e Zemira os heróis principais do romance.

Apaixonados, Torun-Chá e Zemira foram separados quando o herói viajara a pedido de seu pai. Enquanto seu amado se ausentara, a mão de Zemira foi requisitada por diversos pretendentes. Um homem poderoso que desejava casar com a heroína, Jak-Zan, a confina em um harém em Constantinopla, raivoso com a recusa a seu pedido de casamento. Torun-Chá chega à cidade e se posiciona como jardineiro do palácio, observando sua amada todas as noites. Quando Zemira o vê, organiza um encontro. Descobertos, Torun-Chá é condenado a morte, mas o monarca da cidade observa a constância dos sentimentos do casal e permite a sua aliança.

Mas estes heróis recebem um final feliz que não é dado aos outros dois casais da obra; Josendar e Arima, e Calender e Zahra-Daujar. Josemar e Arima eram primos, o que impossibilitava seu amor. Assim, o jovem instruído em diversas ciências opta por

tentar o suicídio. A chegada de Torun-Chá impede que ele tire sua vida, e os dois seguem juntos quando encontram uma jovem mortalmente ferida e vertida em sangue. Era Arima, que reconheceu seu amado e lhe pediu “vem ao menos ouvir da tua Arima a terna confissão de que morre amando-te” (HUMA SUA NACIONAL, 1824, p. 246). O governador de uma cidade próxima da qual moravam desejava a mão de Arima. Quando ela negou a união, foi espancada e deixada pelos vilões. Assim, afirma: “fui infeliz porque vos encontrei na ultima hora, que me estava marcada...” (HUMA SUA NACIONAL, 1824, p. 253) e falece nos braços de seu amado.

Calender (ou Zingis-Khaoja) foi também encontrado por Torun-Chá durante sua viagem. O muçulmano precisou fugir da terra natal devido a um crime cometido por seu pai. Após a fuga conhece Zahra-Daujar, sobre a qual afirma: “[e]u que sempre tinha zombado de amorosas prisões, não pude ver com indiferença aquella venefica beleza” (HUMA SUA NACIONAL, 1824, p. 188-189). No entanto, a amada é filha do homem que seu pai matara. Obcecado, ele ousa raptá-la, mas o navio que os levava naufragou, sendo que o tio de Zahra os esperava na praia. Calender foi preso por mais de um ano, permanecendo constante no seu amor por Zahra. Ao sair da prisão, encontra a amada à beira da morte. Desmaia, e ao acordar a jovem lhe retira as lágrimas. Casam-se com o consentimento do tio de Zahra, mas ela falece após poucos meses de união.

Estes últimos dois casais de *Historia georgiana* mantêm-se constantes, apesar da distância; mas, ao se encontrarem, as mulheres falecem, enquanto os homens seguem sua vida, acompanhando Torun-Chá durante algumas páginas do livro, mas vivendo em reclusão durante muitos anos. Calender, por exemplo, resolveu mudar seu nome, distribuir sua riqueza e viver excluído do mundo durante 40 anos após o falecimento de sua amada esposa (HUMA SUA NACIONAL, 1824, p. 244).

Ao contrário do folhetim de Maria Peregrina de Sousa, no qual a união acontece com a morte, este romance não dá esperança aos amores impossíveis. Eles trazem à mulher a morte, ao homem a vida em solidão. Todos os três casais são constantes, mas apenas Torun-Chá e Zemira merecem o final feliz da obra.

Todos os heróis e heroínas em *Historia georgiana* e *Lord Clifton* têm em comum a *Providência*, ou melhor, o destino, que separou os casais. Ainda assim, eles se mantiveram constantes nos seus sentimentos. No entanto, como se observa especialmente em *Lord Clifton*, o amor verdadeiro não é significado de felicidade. A

personagem de C. E. da C. G. ignorou uma promessa ao casar com sua amada. Assim, tornou o seu sentimento algo impossível aos olhos da Providência. Teria sido este erro inicial a razão de todo o seu sofrimento, que só se finalizou quando ele cumpriu a promessa havia tanto tempo esquecida e se casou com Sofia.

Conclusão

O sentimento amoroso era uma temática frequente nos textos femininos da primeira metade do século XIX. O amor impossível, por sua vez, aparece também com frequência, como pode ser observado nos quatro romances exemplificados acima. As impossibilidades do casamento (e da união entre o casal) se formam na religião, em *Zulima e a cruz de ouro*; nos desejos paternos, em *Lindoro e Palmira*; e no destino que causa a separação física do casal, em *Lord Clifton* e *Historia georgiana*.

Estes textos demonstram o pensamento do século XIX sobre o casamento por amor. As escolhas pessoais seriam superiores, enquanto as paternas trazem a impossibilidade aos verdadeiros amores. Por vezes, no entanto, o amor só pode ser concretizado após a morte, como em *Zulima e a cruz de ouro*; ou levam a poucos momentos de felicidade, seguidos da morte feminina e a solidão masculina, em *Historia georgiana*. Ainda assim, conclui-se que na obra de autoria feminina portuguesa a escolha individual é superior.

Referências

- BIGUELINI, Elen. “Tenho escrevinhado muito”: mulheres que escreveram em Portugal (1800-1850). 2017. 507 f. Tese (Doutorado em Altos Estudos em História) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017a.
- _____. Maria Peregrina de Sousa e sua irmã, Maria do Patrocínio, no periódico *A Grinalda*. COLÓQUIO SAUDADE PERPÉTUA, 1, 2017, Porto. *Actas...* Porto: Cepese, 2017b.
- BOLOGNE, Jean-Claude. *História do casamento no Ocidente* [1995]. Trad. Isabel Cardeal. Camarate: Circulo de Leitores, 2000.
- CASEY, James. *A história da família*. São Paulo: Ática, 1992.
- CRUZ, António José Cândido (Ed.), *Arquivo Popular: semanario pitoresco*, Lisboa, v. 7, n. 32, 1843a.
- _____, *Arquivo Popular: semanario pitoresco*, Lisboa, v. 7, n. 33, 1843b.
- _____, *Arquivo Popular: semanario pitoresco*, Lisboa, v. 7, n. 34, 1843c.
- CUNHA, Ana Cristina Comandulli da. *Presença de A. F. de Castilho nas letras oitocentistas portuguesas: sociabilidades e difusão da escrita feminina*. 2014. 336 f. Tese (Doutorado em Estudos da Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
- GUIMARÃES, Bertino Damiano. Maria Peregrina de Sousa (1809-1894): esboço biobibliográfico. Separata de: *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, Matosinhos, n. 6, p. 49-70, 1959.

HUMA SUA NACIONAL. *Historia georgiana, ou A constancia*: novella escrita e offerecida às Senhoras Portuguezas por huma sua nacional. Lisboa: J. F. M. de Campos, 1824.

JUNIOR, Maria Clara. *Lindoro e Palmira ou os Amantes perseguidos, novella portugueza, oferecida ás senhoras portuguezas por D. Maria Clara Junior* [1817]. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1833.

LOPES, Maria Antónia. *Mulheres, espaço e sociabilidade*: a transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII). Lisboa: Horizonte, 1989.

PERROT, Michelle. *Mi historia de las mujeres* [2006]. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público*: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SHORTER, Edward. *A formação da família moderna* [1975]. Trad. Teresa Pérez. Lisboa: Terramar, 2008.

STAINVILLE, Christina de [C. E. da C. G.]. *Lord Clifton, ou a Providência*: romance original. Lisboa: J. J. de Salles, 1853. 2 tomos.

Minicurrículo

Elen Biguelini é bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal do Paraná (2009) e bacharel em Design (habilitação em Moda) pela Universidade Tuiuti do Paraná (2008), mestre em Estudos Feministas pela Universidade de Coimbra (2012), com a dissertação de mestrado *Uma união de mentes*: casamento e educação das mulheres na obra de Jane Austen e Elizabeth Inchbald, e doutora em Altos Estudos em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2017).